

I JORNADA DE FILOSOFIA DA  
CIÊNCIA  
DA UNIVERSIDADE DE  
SÃO PAULO



12/12/24 a 13/12/24 - Presencial  
14/12/24 - Online

Local: FFLCH USP

Comissão Organizadora

Prof. Dr. Osvaldo Pessoa

Discentes

Deborah Rezende  
Gabriel Sardi  
Lucas Ferreira  
Vinicius Toscano

Realização



# **I Jornada de Filosofia da Ciência da Universidade de São Paulo**

**12, 13 e 14 de dezembro de 2024**

**Auditório 08 - FFLCH/USP**

Organização

**Deborah S. Rezende**

**Gabriel C. Sardi**

**Lucas R. G. Ferreira**

**Vinicius T. Araujo**

Coordenação

**Prof. Dr. Osvaldo F. Pessoa (DF/FFLCH-USP)**

Apoio

**PPG-Fil/FFLCH-USP, CAPES-PROEX**

Local

**FFLCH/USP**

**Edifício de Filosofia e Ciências Sociais**

**Auditório 08**

**Av. Prof. Luciano Gualberto, 315 - Cidade Universitária, São Paulo - SP**

**São Paulo**

**2024**

## Cronograma

<https://filosofia.fflch.usp.br/eventos/10908>

**12/12 - Presencial Auditório 08 FFLCH/USP**

9h00 - Abertura do evento

9h10 - **Deborah S. Rezende** - Caminhos diferentes para a descoberta do efeito fotoelétrico

9h40 - **Thiago A. Cirino** - As causas na física cartesiana

10h10 - **Leonardo V. Silva** - O que distingue conhecimento de mera crença verdadeira?

10h40 - Mini intervalo

10h50 - **Ricardo Garcez** - Neutralidade se diz de diversos modos: a crítica da neutralidade científica em Hugh Lacey e Hilton Japiassu

11h20 - **Lucas R. G. Ferreira** - Metaciência, Filosofia da Ciência e Filosofia da Metaciência: Lições da Crise de Reprodutibilidade

11h50 - **Raul G. S. Santos** - Filosofia da Cosmologia e o Realismo em Matéria Escura

12h20 - Intervalo

14h20 - **João F. S. Rasi** - Uma crítica aos qualia dançantes de Chalmers

14h50 - **Mariana A. Coelho** - Interações entre os valores e as atividades científicas de tecnologias de melhoramento cognitivo

15h20 - **Danilo M. Rodrigues** - Quasares, cosmologia e expansão do Universo: revisitando teses de Duhem

15h50 - Mini intervalo

16h20 - **Thais V. Rodrigues** - A mente discursiva: Análise da relação entre linguagem e consciência

16h50 - **Alberto Blumenschein-Cruz** - Os Benandanti como objeto científico preternatural

17h20 - **Leonardo G. S. Videira** - O Princípio de Identidade dos Indiscerníveis nas ciências formais: Os casos de números imaginários e de grafos não-conectados e não-rotulados

17h50 - Encerramento

**13/12 - Presencial Auditório 08 FFLCH/USP**

9h00 - **Eliakim F. Oliveira** - Uma comparação entre a gramática gerativa e a linguística cognitiva: dos estilos de raciocínio científico às estratégias de pesquisa

9h30 - **Mikhael L. Paiva** - Friedrich Engels, Ciência e Filosofia da Ciência: os nexos entre dialética engelsiana e biologia contemporânea

10h00 - **Gregory A. C. Costa** - O argumento do risco indutivo e a influência de valores na ciência: adeus à neutralidade?

10h30 - Mini intervalo

10h40 - **Danilo B. Gonçalves** - O conceito de Filosofia Natural de Agnes Arber

11h10 - **Fabio M. Namura** - Por um novo éter histórico

11h40 - **Luiz F. O. Proença** - A Biosemiótica como ciência no século XX: uma apresentação da biologia filosófica de Jakob von Uexküll

12h10 - Intervalo

14h20 - **Thiago Lubiana** - A ideia de "tipo celular": investigações sobre o que foi, o que é e o que pode ser

14h50 - **Vinicius T. Araujo** - Modelos de Ligação Química para Pensar Filosofia

15h20 - **Miguel A. Flach** - O método de indução criticamente guiada, de Victor Kraft: caminho para conjecturar uma teoria lakatosiana do progresso da ciência

15h50 - Mini intervalo

16h20 - **Vitor Paixão** - Politizando as ciências humanas: a mobilização da filosofia e da história para a defesa de projetos conservadores e reformistas na biologia evolutiva

16h50 - **Keli de Assumpção** - Níveis de interpretação na percepção visual e o “ver como”

17h20 - **Lucas O. Laurindo** - Modelo, Mecanismo e Qualidade na Neurobiologia do Sistema Visual

17h50 - Palavras Finais

18h00 - Encerramento

**14/12 - Evento 100% on-line****Link:** <https://meet.google.com/pts-evti-ift>

08:30 - **Giovanna P. Altieri** - Um estudo sobre a experimentação animal

09h00 - **Pedro M. B. Kritski** - Uma investigação sobre os fundamentos epistêmicos dos textos de Gilbert Simondon entre 1952 e 1958

09:30 - **Josiel S. Camargo** - Realismos e antirrealismos: os valores em perspectiva

10h00 - **Gabriel C. Sardi** - A importância de uma hierarquia de virtudes epistêmicas para o realista de teorias

10h30 Intervalo

10h40 - **Renan Molini** - Pode a modelagem computacional contribuir para a aplicação do método científico peirciano?

11h20 - **Fernanda C. Cardoso** - Realismo Naturalizado: como Quine e Hume lidam com a dúvida cética na ciência?

12h00 - **João Ferrari** - Estruturalismo científico e trivialização: a objeção de Newman

12h30 - Encerramento

# Cadernos de Resumos

## Sumário

Cronograma.....	2
Sumário.....	5
Alberto Blumenschein-Cruz.....	6
Danilo B. Gonçalves.....	7
Danilo M. Rodrigues.....	8
Deborah S. Rezende.....	9
Eliakim F. Oliveira.....	10
Fabio M. Namura.....	11
Fernanda C. Cardoso.....	12
Gabriel C. Sardi.....	13
Giovanna P. Altieri.....	14
Gregory A. C. Costa.....	15
João Ferrari.....	16
João F. S. Rasi.....	17
Josiel S. Camargo.....	18
Keli de Assumpção.....	19
Leonardo V. Silva.....	20
Leonardo G. S. Videira.....	21
Lucas R. G. Ferreira.....	22
Lucas O. Laurindo.....	23
Luiz F. O. Proença.....	24
Mariana A. Coelho.....	25
Miguel A. Flach.....	26
Mikhael L. Paiva.....	27
Pedro M. B. Kritski.....	28
Raul G. S. Santos.....	29
Renan Molini.....	30
Ricardo Garcez.....	31
Thaís V. Rodrigues.....	32
Thiago A. Cirino.....	33
Tiago Lubiana.....	34
Vinicius T. Araujo.....	35
Vitor P. Roberto.....	36

## OS BENANDANTI COMO OBJETO CIENTÍFICO PRETERNATURAL.

Alberto Blumenschein-Cruz

Mestrando

USP

alberto.cruz@usp.br

**Resumo:** O projeto de pesquisa explora o conceito de “preternatural” e sua evolução histórica como uma categoria que transita entre o natural e o sobrenatural, buscando compreender sua presença na epistemologia e na cultura científica do Ocidente. Partindo de uma análise interdisciplinar que envolve história, filosofia e antropologia, o estudo investiga como fenômenos raros, maravilhosos ou inexplicáveis desafiaram as fronteiras do conhecimento, especialmente entre os séculos XIII e XVII. Utilizando a micro-história como abordagem metodológica, com destaque para os Benandanti, um grupo do norte da Itália acusado de bruxaria pela Inquisição, revelando como as narrativas populares e oficiais moldaram a percepção do maravilhoso e do demoníaco. A pesquisa se fundamenta nas contribuições de autores como Lorraine Daston e Stuart Clark, que interpretam o preternatural como parte de uma economia moral da ciência. A historiografia de Carlo Ginzburg ocupa um papel central no projeto, especialmente sua abordagem micro-histórica, que permite reconstruir, a partir de fontes primárias, as crenças e práticas marginais frequentemente excluídas das grandes narrativas históricas. Os Benandanti, analisados por Ginzburg, exemplificam a tensão entre cultura popular e poder institucional, sendo reinterpretados pela Inquisição como agentes demoníacos.

**Palavras-chave:** Preternatural; Micro-história; Epistemologia Histórica.

## CONCEITO DE FILOSOFIA NATURAL DE AGNES ARBER

Danilo B. Gonçalves  
Mestrando  
USP e USFCar  
danilobertoletti@gmail.com

**Resumo:** O objetivo principal é expor os fundamentos do conceito de Filosofia Natural desenvolvido por Agnes Arber (1879-1960) no âmbito da Botânica, que combina um tratamento formal e material no estudo da vida. Esse conceito foi primeiramente apresentado no contexto da morfologia vegetal. Agnes Arber inicia sua trajetória através do estudo da História da Botânica, a qual acompanha o desenvolvimento histórico dos conhecimentos botânicos e dos desdobramentos do conhecimento de anatomia vegetal. Arber traça um panorama das teorias botânicas históricas e desenvolve o conceito de Tipo Gestalt, inspirada por Goethe. Arber também discute a relação entre as causas formal e final nos seres vivos, defendendo-as e as agregando às abordagens materiais, representadas pelas filogenias, para um estudo mais completo sobre vida. Dessa forma, a autora aborda questões de filosofia da ciência e da prática científica, enfatizando a importância de um arcabouço conceitual claro e consciente na análise dos dados biológicos.

**Palavras-chave:** Forma; Botânica; História da Botânica.



## QUASARES, COSMOLOGIA E EXPANSÃO DO UNIVERSO:

### Revisitando teses de Duhem

Danilo M. Rodrigues

Doutorando

USP

danilo.rodrigues@usp.br

**Resumo:** Nos anos 60 houve uma série de trabalhos em filosofia da ciência que valorizaram a importância dos estudos de caso e exames historiográficos para melhor avaliar estruturas conceituais de natureza filosófica. O que ainda nos parece pouco valorizado pela recente historiografia é que parte de algumas teses desenvolvidas pelos autores desse período conhecido como “virada historicista”, especialmente Kuhn e Lakatos, assim como parte do desenvolvimento lógico da ciência, elaborado por Popper, foram precedidos pela filosofia da ciência de Pierre Duhem, cerca de 60 anos antes. O presente trabalho apresenta registros históricos sobre as primeiras detecções dos objetos cosmológicos conhecidos como Quasares. Martin Ryle foi um militante contra o modelo cosmológico do Estado Estacionário e contribuiu ativamente para expressar a distribuição dos quasares pelo universo como uma das primeiras confirmações empíricas a favor da concepção de um universo dinâmico. As detecções dessas fontes de rádio revela a natureza tripartite (teorias rivais e experimentos) do falseamento, tal como defendido por Kuhn, Lakatos e Popper mas, ainda antes, por Duhem.

**Palavras-chave:** Duhem, quasares, cosmologia, expansão do universo.

## CAMINHOS DIFERENTES PARA A DESCOBERTA DO EFEITO FOTOELÉTRICO

Deborah S. Rezende

Mestranda

USP

deborahrezende@usp.br

**Resumo:** Examinamos a descoberta experimental do efeito fotoelétrico, feito em 1887 independentemente por Hertz, Schuster e Arrhenius. Estudamos os caminhos trilhados pelos três físicos, elaborando um modelo causal dos avanços experimentais e teóricos envolvidos nesta descoberta. O caminho de Hertz foi marcado pela previsão teórica de James Maxwell da existência de ondas eletromagnéticas e pelo aprimoramento experimental da espira de indução de Ruhmkorff e de técnicas de medição de intensidade de faíscas. O caminho de Schuster e Arrhenius envolveu a pesquisa com raios catódicos em tubos evacuados, também dependente da espira de indução, e marcada pelo trabalho pioneiro de Hittorf.

**Palavras-chave:** modelos causais, efeito fotoelétrico, história da física.

**UMA COMPARAÇÃO ENTRE A GRAMÁTICA GERATIVA E  
A LINGUÍSTICA COGNITIVA:**

**Dos estilos de raciocínio científico às estratégias de pesquisa**

Eliakim F. Oliveira

Doutorando

USP

eliakim.oliveira@usp.br

**Resumo:** Trata-se de uma investigação na qual são comparados os programas de pesquisa da gramática gerativa e da linguística cognitiva. Programa de pesquisa pressupõe a articulação do pano de fundo teórico e das formas de investigação desses modelos das ciências linguísticas. O pano de fundo teórico e as formas de investigação são abordados por esquemas de avaliação da prática científica que incluem a noção de estilo em ciências e a noção de estratégia de pesquisa científica. Diante desse objeto de pesquisa e a partir desse esquema conceitual, o problema sobre o qual me debruço pode ser formulado do seguinte modo: quais estilos de raciocínio predominam na gramática cognitiva e na linguística cognitiva e como a eles podem corresponder certas estratégias de pesquisa? Como a resposta a essas questões permite compreender o conflito metateórico que se estabeleceu entre esses dois programas?

**Palavras-chave:** estilo de raciocínio científico; estratégia de restrição e seleção; linguística.

## POR UM NOVO ÉTER HISTÓRICO

Fabio M. Namura

Mestrando

USP

fabiomnamura@usp.br

**Resumo:** O desaparecimento do conceito de éter como objeto de estudo nas ciências naturais é majoritariamente atribuído à teoria da relatividade especial de Einstein. No entanto, uma análise epistemológica à luz das ideias de Bachelard revela uma narrativa alternativa. O estudo reavalia as críticas de Einstein ao éter e suas considerações pós-1920, sugerindo a interpretação do "éter relativístico". A pesquisa também examinou a história do conceito, destacando sua resiliência e mutabilidade ao longo do tempo. Enfatizando a pertinência do estudo do conceito, nos amparamos nas leituras de Daston que exploram os estudos de fenômenos irregulares como o éter.

**Palavras-chave:** Éter; Epistemologia; Relatividade

**REALISMO NATURALIZADO:****Como Quine e Hume lidam com a dúvida cética na ciência?**

Fernanda C. Cardoso  
Graduanda  
IFCH-Unicamp  
F234369@dac.unicamp.br

**Resumo:** De todas as dúvidas céticas, a dúvida quanto à existência real do mundo exterior à mente parece ser a mais radical. Essa versão do ceticismo, que chamo de ‘ceticismo ontológico’, rejeita a possibilidade de conhecermos o mundo como ele realmente é, e a tal ponto que a sua própria existência é questionada. O ceticismo ontológico não é relevante apenas no domínio da metafísica e da filosofia da mente, onde geralmente é abordado, mas também na filosofia da ciência. Como podemos investigar o mundo cientificamente se sequer sabemos se ele existe independentemente da mente? Uma solução para esse problema é o realismo naturalista, que consiste no realismo científico adaptado aos pressupostos do naturalismo epistemológico. Nesse contexto, irei apresentar como dois dos maiores expoentes da epistemologia naturalizada, Willard Quine e David Hume, lidam com o ceticismo ontológico na ciência. Adianto que ambos são falibilistas, no sentido de rejeitar qualquer possibilidade de conhecimento definitivo no domínio das proposições de conteúdo empírico. Não obstante, ambos são cientificistas, no sentido de creditar à ciência nossa melhor chance de conhecer o mundo como ele realmente é, por mais que ela seja falível e, portanto, permanentemente revisável. Trata-se de um realismo, sim, mas de um realismo naturalizado.

**Palavras-chave:** realismo científico; epistemologia naturalizada; ceticismo empirista.

## A IMPORTÂNCIA DE UMA HIERARQUIA DE VIRTUDES EPISTÊMICAS PARA O REALISTA DE TEORIAS

Gabriel C. Sardi  
Doutorando  
USP  
gabrielsardi@usp.br

**Resumo:** No contexto do debate sobre a Inferência da Melhor Explicação (*Inference to the Best Explanation* – IBE), alguns filósofos com tendências realistas argumentaram que certas virtudes epistêmicas (também chamadas de virtudes explicativas ou valores cognitivos) orientam os processos de geração e escolha de hipóteses científicas. No entanto, embora mencionem algumas dessas virtudes, a literatura em filosofia da ciência carece de um consenso claro e de uma sistematização sobre quais são essas virtudes e como elas operam no processo de escolha de teorias. Esta comunicação tem como objetivo elaborar uma taxonomia dessas virtudes ou critérios, fundamentada em uma pesquisa bibliográfica detalhada. Além de sistematizar e esclarecer cada uma dessas virtudes, este trabalho também se propõe a identificar um problema filosófico relacionado à abordagem da IBE no contexto da escolha de hipóteses, especialmente sob a perspectiva do realista científico de teorias: a exigência de uma hierarquização que ordene as virtudes epistêmicas em graus de importância.

**Palavras-chave:** Realismo Científico; Antirrealismo; Inferência da Melhor Explicação.

## UM ESTUDO SOBRE A EXPERIMENTAÇÃO ANIMAL

Giovanna P. Altieri

Mestre

USP

giovannaltieri@gmail.com

**Resumo:** A partir do século XIX a experimentação animal se tornou um método sistemático de realizar pesquisas. No primeiro momento, os experimentos estavam ligados ao desenvolvimento dos estudos de Fisiologia e se tornaram igualmente interessantes para pesquisas ligadas à Medicina e com fins terapêuticos. Os argumentos utilizados para a realização dos experimentos eram, na maioria das vezes, que os resultados obtidos em pesquisas com animais seriam de alguma forma úteis para os seres humanos. Porém, essa justificativa foi contestada por grupos da época contra os experimentos. Os opositores dos experimentos questionavam a ética envolvida na prática, diante do sofrimento gerado, e pediam o fim de sua realização. Mesmo assim, os experimentos foram regulados e se tornaram comuns. Dessa forma, a disputa em torno do método experimental e da utilização dos animais em experimentos permanece ativa desde então. O objetivo da comunicação será discorrer sobre os argumentos dos dois lados, compará-los e refletir sobre o avanço da experimentação animal nos últimos duzentos anos.

**Palavras-chave:** experimentação animal; história da Fisiologia; ética animal.

**O ARGUMENTO DO RISCO INDUTIVO E  
A INFLUÊNCIA DE VALORES NA CIÊNCIA:  
Adeus à neutralidade?**

Gregory A. C. Costa  
Doutorando  
UFABC  
gregoryaug.carv@gmail.com

**Resumo:** O argumento do risco indutivo foi originalmente defendido por Churchman, Rudner, e Hempel, e depois reformulado por Heather Douglas. O argumento original defendia que (P1) o cientista *qua* cientista aceita ou rejeita hipóteses; (P2) nenhuma hipótese pode ser completamente confirmada; (P3) a decisão de aceitar ou rejeitar uma hipótese depende de a evidência ser suficientemente forte; (P4) a evidência ser suficientemente forte é uma função da importância, em sentido ético, de se cometer um erro ao aceitar ou rejeitar uma hipótese; (C) logo, o cientista *qua* cientista emite juízos éticos. A reformulação de Douglas deu maior ênfase às responsabilidades do cientista pelas consequências do erro e seus danos potenciais. Para Douglas, há um risco indutivo na aceitação de hipóteses, mas também noutras etapas da atividade científica, como nas escolhas metodológicas, e na caracterização e interpretação dos dados. Dado o risco indutivo e as consequências não epistêmicas do erro, o cientista teria a responsabilidade de ponderar valores nas decisões tomadas. Diante disso, proponho discutir se a consideração do risco indutivo de fato implica na obrigação do cientista em ponderar valores em seu trabalho. Deveríamos abandonar, de uma vez por todas, quaisquer perspectivas de neutralidade?

**Palavras-chave:** risco indutivo; valores não epistêmicos; neutralidade.



## ESTRUTURALISMO CIENTÍFICO E TRIVIALIZAÇÃO:

### A objeção de Newman

João Ferrari

Doutorando

USP

joaovitorfr@gmail.com

**Resumo:** Este trabalho busca explorar estratégias para superar o chamado *problema da trivialização* que acomete a posição estruturalista na ciência. Levantado originalmente por M. H. Newman, o problema aponta para o fato do conhecimento científico sob a perspectiva estruturalista tornar-se simplesmente falso ou redutível a meras asserções relativas à cardinalidade. Ao denunciar tal *trivialização* do conhecimento, esse tipo de dificuldade frustrou importantes programas estruturalistas primevos, como o de Russell, em sua *Análise da Matéria*, e o de Carnap, no *Aufbau*. Além disso, à medida em que o estruturalismo volta à tona no debate contemporâneo a respeito da análise da ciência, a objeção também ressurgiu, agora formulada com uma precisão formal ainda maior. Que o estruturalismo seja capaz de responder adequadamente a essa dificuldade, trata-se de uma questão ainda em aberto, assim como a dúvida a respeito de que uma tal resposta acarrete demasiadas concessões, capazes de tornar a perspectiva potencialmente estéril. No presente trabalho, introduzo o problema como formulado por Newman, e apresento o modo como ele acomete os programas estruturalistas de Russell e Carnap. Busco também indicar como alguns elementos para a superação da objeção podem ser encontrados já nesses mesmos programas.

**Palavras-chave:** Objeção de Newman; Estruturalismo; Trivialização.

## UMA CRÍTICA AOS QUALIA DANÇANTES DE CHALMERS (1996)

João F. S. Rasi

Mestrando

USP

jfsr31@hotmail.com

**Resumo:** Um dos debates mais populares em filosofia da mente é a discussão sobre a natureza de nossa consciência fenomênica. Dentre as teorias que procuram explicar o aspecto qualitativo do mental, há o funcionalismo dualista de Chalmers (1996). Uma possível crítica a sua teoria é a antiga e clássica hipótese dos qualia invertidos. Sendo assim, o filósofo oferece um contra-argumento conhecido como os qualia dançantes com a finalidade de proteger sua teoria. Na apresentação pretendo argumentar que, talvez, o contra-argumento de Chalmers (1996) não seja um bom argumento para responder a objeção dos qualia invertidos. Dessa forma, seu funcionalismo dualista ainda nos deve uma boa resposta a esta antiga crítica. Para isso apresentarei (i) o funcionalismo dualista, (ii) a objeção dos qualia invertidos, (iii) a réplica dos qualia dançantes e, por fim, (iv) minha crítica ao argumento de Chalmers (1996).

**Palavras-chave:** funcionalismo dualista; qualia invertidos; qualia dançantes.

## REALISMOS E ANTIRREALISMOS: os valores em perspectiva

Josiel S. Camargo

Doutorando

USP

E-mail: josiel.camargo@usp.br

**Resumo:** Versões recentes do *realismo científico* trouxeram uma nova roupagem para argumentos historicamente refutados, o que acarreta uma perda de coerência no conjunto de seus respectivos posicionamentos em defesa dessa tese geral. Isso ocorre porque o realista procura estender o alcance de certos valores, transformando-os em regras metodológicas universalizadas, sobrecarregando, assim, o componente axiológico. Embora os valores sirvam como critérios de escolha racional, desempenhando, muitas vezes, um papel decisivo na seleção de teorias, e estejam interligados, de maneira dinâmica, às metodologias, eles não podem ser utilizados como regras metodológicas. A postura antirrealista defendida neste trabalho reforça um quadro mais pluralista de valores na ciência, baseando-se em autores como Larry Laudan, com a defesa de seu *modelo reticulado* e o enfoque na *resolução de problemas*, e Bas van Fraassen, com a defesa da *adequação empírica* e a ênfase no *voluntarismo* (pluralismo de valores). Tanto o realismo quanto o antirrealismo, em suas diversas naturezas, parecem estar atentos à questão valorativa e à sua consequente multiplicidade — cognitiva, social, metodológica, filosófica, entre outras dimensões. Isso nos leva a concluir que é necessário ampliar o horizonte axiológico, como já identificado por alguns autores. Contudo, realistas científicos continuam apresentando valores no sentido de regras metodológicas universalizadas, como na *Inferência à Melhor Explicação* (IBE), ou vinculados à busca da verdade, na ideia de *convergência epistemológica*. Por outro lado, uma *axiologia pluralista* sustenta que os valores, embora constituam um componente inerente à prática científica ou à filosofia que interpreta a ciência, não são compatíveis com seu uso irrestrito. Portanto, torna-se imperativo adotar uma *postura epistemológica pluralista*, capaz de estabelecer o papel multifacetado dos valores e acomodar uma variedade de posicionamentos, inclusive aqueles realistas, como é o caso do *realismo perspectivo*.

**Palavras-chave:** Realismo; Antirrealismo, Valores, Pluralismo.

## NÍVEIS DE INTERPRETAÇÃO NA PERCEPÇÃO VISUAL E O “VER COMO”

Keli de Assumpção

Mestranda

USP

kelideassumpcao@usp.br

**Resumo:** Por que o tema da visão gerou e continua a gerar tanto debate? Afinal, a visão pode ser considerada objetiva? Isto é, será que, ao ver, entramos efetivamente em contato com a realidade das coisas? Esta e outras questões relativas à percepção visual, serão exploradas ao longo deste trabalho, amparadas pela proposta de que a interpretação da percepção visual pode ser analisada a partir de uma divisão lógica em três grandes níveis de interpretação. Cada nível apresenta distinções fundamentais quanto à origem e ao impacto da interpretação na formação da experiência visual. Nessa perspectiva, a percepção visual é entendida como uma atividade interpretativa, um ver como, em que a carga interpretativa varia em pelo menos três níveis. O primeiro nível, de interpretação obrigatória e interespecífica, determina a separação básica entre o mundo real e o mundo percebido visualmente. Este nível se baseia nas características anatômicas e fisiológicas do observador, funcionando como um filtro interpretativo inicial. O segundo nível, considera as influências culturais e sociais do observador, partindo da premissa de que o sujeito vê o mundo conforme aprende e experiencia ele. Este nível terá pelo menos seis grandes eixos interpretativos: social, emocional, sensorial, relacionados a comando, recompensa, castigo, e nível de ambiguidade perceptiva. Por fim, o terceiro nível de interpretação, envolve teorização no processo perceptivo. Este terceiro nível é subdividido em três categorias crescentes de interpretação, são elas, respectivamente: (i) elementos diretamente observáveis, (ii) observáveis com auxílio de instrumento de ampliação e (iii) elementos inobserváveis. Essa divisão em três níveis permite analisar e estruturar pesquisas e teorias, considerando a interpretação a partir de sua origem e impacto na formação da imagem visual, além das particularidades das inúmeras variáveis em cada contexto.

**Palavras-chave:** percepção visual; interpretação; visão.

## O QUE DISTINGUE O CONHECIMENTO DA MERA CRENÇA VERDADEIRA?

Leonardo V. Silva

Mestrando

USP

leonardo\_ventura@usp.br

**Resumo:** O objetivo da apresentação será expor os principais pontos da epistemologia de Alvin Plantinga. Mais especificamente, será abordado e discutido aquele elemento que adicionado à crença verdadeira, torna-se conhecimento. Deste modo, em primeiro lugar, será realizada uma breve contextualização do debate em torno desse elemento. Tradicionalmente, este elemento foi denominado de Justificação. Assim sendo, o conhecimento foi definido como crença verdadeira justificada. Após essa contextualização, falaremos sobre as críticas de Plantinga à visão “tradicional” ou visão “padrão”. Veremos, sobretudo, como o autor critica as noções de internalismo e de deontologia presentes na epistemologia. Por fim, então, falaremos mais especificamente sobre como o Plantinga propõe a substituição da Justificação pelo conceito de Aval. Destacaremos, assim, as principais características do aval epistêmico.

**Palavras-chave:** Plantinga; epistemologia; confiabilismo; conhecimento.

**O PRINCÍPIO DOS INDISCERNÍVEIS NAS CIÊNCIAS FORMAIS:  
Os casos de números imaginários e de grafos não-conectados e não-rotulados**

Leonardo G. S. Videira

Doutor

USP

leonardo.soutello@gmail.com

**Resumo:** O Princípio de Identidade dos Indiscerníveis tem uma série de supostos contraexemplos notáveis. Nas ciências formais, podemos apontar o caso de números imaginários (por exemplo,  $i$  e  $-i$ ) e de grafos simétricos, sobretudo caso especial de grafos em que os vértices não são ligados e nem rotulados. Nesta apresentação veremos rapidamente como a defesa do Princípio de Identidade dos Indiscerníveis por discernibilidade opera nesses casos, bem como suas limitações. Veremos, então, a defesa por inconcebibilidade como uma alternativa para os casos em que a defesa por discernibilidade falha. Para além disso, veremos alguns problemas desses casos que podem inviabilizar essas defesas ou torná-las desnecessárias em última instância.

**Palavras-chave:** Identidade; discernibilidade; concebibilidade; grafos; números imaginários.

**METACIÊNCIA, FILOSOFIA DA CIÊNCIA E  
FILOSOFIA DA METACIÊNCIA:  
Lições da Crise de Reprodutibilidade**

Lucas R. G. Ferreira

Doutorando

USP

lucasrgferreira@gmail.com

**Resumo:** A reprodutibilidade é considerada um dos fundamentos da autoridade epistêmica da ciência. Nos últimos anos, contudo, estudos importantes da literatura científica das ciências sociais, comportamentais e biomédicas têm falhado sistematicamente em múltiplas tentativas de replicação experimental, lançando dúvidas sobre a confiabilidade de partes substanciais do conhecimento científico, resultando assim na chamada crise de reprodutibilidade. Uma das respostas a essa crise foi o surgimento da metaciência. Este trabalho realiza uma análise filosófica e descritiva dessa disciplina. A partir do conceito pós-kuhniano de "repertórios de pesquisa" proposto por Ankeny & Leonelli, a metaciência é concebida como um repertório de práticas experimentais voltadas para a testagem de meta-hipóteses sobre conjuntos de atividades epistêmicas de primeira ordem, orientadas pelo ideal de reprodutibilidade experimental. Nesse contexto, propomos a filosofia da metaciência e apresentamos alguns de seus problemas filosóficos. Definimos o conceito de meta-hipótese e sua relação com as atividades epistêmicas de primeira ordem. Entretanto, o trabalho também questiona a universalidade do ideal de reprodutibilidade experimental e propõe a sua delimitação. Por fim, sugere-se que a partir das experiências acumuladas pela metaciência seja possível a criação de comitês para promover planejamento experimental, práticas de reprodutibilidade e metaciência, apoiando assim a comunidade científica e contribuindo para a superação da crise.

**Palavras-chave:** Reprodutibilidade; Metaciência; Filosofia da Metaciência.

**MODELO, MECANISMO E QUALIDADE NA NEUROBIOLOGIA  
DO SISTEMA VISUAL**

Lucas O. Laurindo  
Mestrando  
USP  
lucas-laurindo39@usp.br

**Resumo:** O projeto tem como objetivo central a investigação dos modelos e das representações em geral na Neurobiologia relacionadas ao sistema visual, principalmente a partir da leitura do livro *Brain and Visual Perception: The Story of a 25-Year Collaboration*, que junta as publicações mais importantes de David H. Hubel e Torsten N. Wiesel. Além dessa análise, o projeto também busca compreender, primeiro, como os filósofos investigam os modelos e os mecanismos na ciência, frisando aqueles que analisam os mecanismos neurais da percepção visual, e como essas investigações estão sendo utilizadas para compreender o trabalho dos dois autores anteriores, e segundo, as posições e as hipóteses na filosofia da percepção para explicar o campo fenomênico subjetivo visual. Como resultado desses esforços, pretende-se contribuir para o avanço do conhecimento neurocientífico e sua relação com fundamentos filosóficos.

**Palavras-chave:** neurobiologia; visão; filosofia.



**A BIOSEMIÓTICA COMO CIÊNCIA NO SÉCULO XX:  
Uma apresentação da biologia filosófica de Jakob von Uexküll**

Luiz F. O. Proença  
Doutorando  
USP  
luizf.proenca@usp.br

**Resumo:** Jakob von Uexküll (1864-1944), que criou um dos primeiros sistemas abrangentes de conceitos para a biologia semiótica, foi provavelmente a figura mais influente na biosemiótica durante a primeira metade do século XX. Suas obras introduziram uma abordagem e uma terminologia que, por muito tempo, foram utilizados e aceitos apenas por um pequeno grupo de cientistas, mas que agora, especialmente na última década, têm sido amplamente adotados nas obras de semióticos, bem como por alguns psicólogos, antropólogos, ecologistas, filósofos e cientistas da computação. É importante notar também que von Uexküll foi, antes de tudo, um biólogo que não se contentava com o nível usual de argumentação científica e decidiu estabelecer uma base filosófica sólida para a biologia. A intenção desta comunicação é, deste modo, apresentar as bases conceituais advindas de v. Uexküll e que deram impulso ao que se constituiu em meados do século XX como biosemiótica.

**Palavras-chave:** Biologia; Biosemiótica; Significação.

## INTERAÇÕES ENTRE OS VALORES E AS ATIVIDADES CIENTÍFICAS DE TECNOLOGIAS DE MELHORAMENTO COGNITIVO

Mariana A. Coelho  
Mestranda  
USP  
coelho.mariana@usp.br

**Resumo:** Este projeto de pesquisa tem como objetivo analisar as interações entre os valores e as atividades científicas de neurotecnologias de melhoramento cognitivo. O melhoramento cognitivo está inserido dentro do melhoramento humano e é definido como o uso de diferentes estratégias e tecnologias que visam ampliar as capacidades cognitivas em situações não patológicas. Esse melhoramento poderia ser obtido com o uso de diferentes tipos de tecnologias como as farmacológicas, com as chamadas drogas inteligentes, como metilfenidato, e as não farmacológicas, como os implantes cerebrais. Para análise dos valores envolvidos na condução das pesquisas dessas neurotecnologias está sendo conduzida revisão da literatura de caráter exploratório e qualitativo. Até o presente momento foi realizado estudo sobre diferentes perspectivas em torno da dicotomia fato e valor, com ênfase no estudo no valor do controle da natureza. Também foi feita revisão de estudos empíricos sobre o tema, com ênfase em conhecer as instituições às quais esses estudos estão vinculados, bem como o desenho das pesquisas, a forma de condução e a divulgação dos resultados. Posteriormente, será realizada a análise desses valores das atividades científicas de melhoramento cognitivo com ênfase no modelo proposto pelo filósofo Hugh Lacey.

**Palavras-chave:** valores científicos; melhoramento cognitivo; neurotecnologias.

**O MÉTODO DE INDUÇÃO CRITICAMENTE GUIADA, DE VICTOR KRAFT:  
caminho para conjecturar uma teoria lakatosiana do progresso da ciência**

Miguel A. Flach

Doutorando

USP

miguel.flach@usp.br

**Resumo:** em seu *Popper on Demarcation and Induction* (1974a), ao começar a elaborar um pouco mais a primeira de duas características de sua metodologia e metametodologia, o filósofo húngaro Imre Lakatos afirma defender uma abordagem primariamente quase-empírica ao invés da “abordagem apriorística” de Karl Popper para legislar a ciência. Logo na sequência, em nota de rodapé, Lakatos (1974a, p. 267 n. 64) diz que Victor Kraft está “muito próximo” da sua perspectiva, pois advoga “por uma metametodologia que *aprende* primariamente com estudos de caso históricos, mas de modo normativo-crítico”. No presente trabalho, revisito o livro *Die Grundformen der Wissenschaftlichen Methoden* (1925), de Kraft, direcionando-me especificamente ao capítulo “1. Die Methode der Wissenschaftslehre” e à seção “3. Kritische Induktion” referenciada por Lakatos. Nela, o filósofo austríaco sustenta o método que ele chama de “indução criticamente guiada”. Subsequentemente, tendo em vista que aquela nota, disposta apenas em *Popper on Demarcation and Induction*, se mostra frutífera para tratar aquele que Lakatos (1971a) havia mencionado como “o principal problema epistemológico” da MSRP, defendo que a abordagem quase-empírica de Lakatos se articula, metametodologicamente, sob uma normatividade indutivo-criticamente informada.

**Palavras-chave:** Victor Kraft; Imre Lakatos; normatividade indutivo-criticamente informada.

**FRIEDRICH ENGELS, CIÊNCIA E FILOSOFIA DA CIÊNCIA:  
Os nexos entre dialética engelsiana e biologia contemporânea**

Mikhael L. Paiva  
Doutorando  
USP  
mikhael.paiva@usp.br

**Resumo:** Almejamos demonstrar a influência da ontologia engelsiana perante às formulações teórico-metodológicas da biologia “dialética”, corrente formada primariamente por Stephen Jay Gould, Richard Levins, Richard Lewontin e Ernst Mayr. Para sustentar nosso argumento, mediremos esta análise por três etapas: a exposição da dialética da natureza engelsiana e seu contexto histórico, a breve introdução biográfica dos cientistas supracitados e, ao fim, a pontuação das confluências entre Friedrich Engels e a corrente de biólogos. Serão coagulados, em nossa síntese, os nexos determinativos que visam esclarecer e respaldar nossa tese: que as três leis da dialética de Friedrich Engels têm vínculo notório com proeminentes naturalistas do séc. XX, permeando desde opiniões pessoais até formulações técnicas destes cientistas.

**Palavras-chave:** Friedrich Engels; Biologia; Ontologia Marxista.

## UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE OS FUNDAMENTOS EPISTÊMICOS DOS TEXTOS DE GILBERT SIMONDON ENTRE 1952 E 1958

Pedro M. B. Kritski

Doutorando

PUCPR e USP

pedrokritski@gmail.com

**Resumo:** A questão principal que pretendemos investigar é a seguinte: é possível afirmar que existe uma teoria do conhecimento, uma epistemologia, desenvolvida por Gilbert Simondon (1924-1989) que fundamenta as suas teses sobre a individuação física, vital, psíquica, coletiva e técnica? Disso podemos retirar outras duas questões importantes: se partirmos do pressuposto que esta epistemologia existe, ela estaria mais próxima de uma leitura histórica do conceito de indivíduo ou dos conceitos próprios da primeira cibernética? Como ela se relacionaria com os conceitos de forma, de informação, de estrutura e de operação? Essas questões se fundamentam em outras que surgem da análise dos conceitos que se apresentam na tese principal e na tese complementar, que compõem o corpo teórico central da filosofia simondoniana. Assim, a pesquisa pretende dar uma definição para os conceitos de forma, informação, estrutura, operação, allagmática, objeto técnico, tecnologia e trabalho além das suas relações com as próprias definições de conhecimento e indivíduo. Todos esses termos, que se encontram nesses dois textos de modo articulado, aparecem de modo mais investigativo em textos preliminares, textos preparatórios e que datam desde 1952, isto é, seis anos antes da defesa das duas teses.

**Palavras-chave:** Simondon; Epistemologia; Cibernética.

## FILOSOFIA DA COSMOLOGIA E O REALISMO EM MATÉRIA ESCURA

Raul G. S. Santos

Graduando

USP

raulsantos01001@usp.br

**Resumo:** O problema subjacente em filosofia da cosmologia, segundo Ellis (2014) e Ellis & Smeenk (2017), é a unicidade do universo. Só há um objeto para observar, e não há objeto semelhante com o qual comparar, isso ocorre, pois, por definição, o universo é tudo o que há. Por essa razão, necessita-se cuidado ao analisar a relação entre dados e modelos em cosmologia. Como toda explicação científica, nesta ciência, relacionamos nosso conhecimento com uma realidade externa, e o objetivo é testar os modelos pela observação e os meios experimentais com o que realmente existe. Mas nosso acesso observacional para o domínio vasto do universo é estritamente limitado. Isso significa que a construção dos modelos é subdeterminada, porque o acesso aos dados é restringido nessas maneiras cruciais: o limite da velocidade da luz; o limite observacional; o limite da física; os limites de detecção e seleção. Essa condição de subdeterminação na cosmologia fica evidente no problema da matéria escura. Ademais, esta ciência fornece um ótimo estudo de caso para o debate realismo/antirrealismo na filosofia da ciência. É, portanto, objetivo da apresentação, discutir como a subdeterminação de modelos funciona na prática da cosmologia e discutir algumas visões realistas e antirrealistas sobre o tema.

**Palavras-chave:** Filosofia da Cosmologia; Matéria Escura; Realismo e Antirrealismo.

## PODE A MODELAGEM COMPUTACIONAL CONTRIBUIR PARA A APLICAÇÃO DO MÉTODO CIENTÍFICO PEIRCIANO?

Renan Molini

Mestrando

UNESP Marília

renan.molini@unesp.br

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo explorar a pertinência da modelagem computacional na aplicação do método científico proposto por Charles Sanders Peirce. Primeiramente, investigaremos o método científico peirciano cujo objetivo é balizar a fixação de crenças orientadas em uma busca coletiva de correspondência entre teoria e factualidade do mundo. Em seguida, delinearemos o contexto em que a modelagem computacional será analisada, com origem nas ciências cognitivas. Destacaremos a capacidade de modelos em capturar e expressar relações essenciais em fenômenos por meio de estruturas abstratas, permitindo a experimentação de objetos sem vínculo direto com o mundo factual. A hipótese cunhada é que modelos computacionais podem auxiliar o método científico, desde que respeitadas suas limitações e com vigilância crítica sobre a confiabilidade de seus resultados. Exploraremos o conceito de raciocínio diagramático na perspectiva peirciana, evidenciando como os modelos computacionais podem se beneficiar do uso de diagramas em suas operações. Por fim, argumentamos que a modelagem computacional pode ser uma ferramenta adequada para a ciência, e conseqüentemente, compatível com o método científico peirciano, desde que empregada com rigor epistêmico e ético.

**Palavras-chave:** Crenças; Método Científico; Modelagem Computacional.

**NEUTRALIDADE SE DIZ DE DIVERSOS MODOS: a crítica da neutralidade  
científica em Hugh Lacey e Hilton Japiassu**

Ricardo Garcez

Doutorando

USP

ricardo.garcez@usp.br

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é comparar as concepções de neutralidade científica em Hugh Lacey e Hilton Japiassu. Em algum sentido, ambos negam que a ciência seja neutra, mas a definição de neutralidade, sua negação e as implicações dessa negação, em cada autor, são diferentes. Pretendemos evidenciar essas diferenças e extrair essas implicações, assim como destacar certas convergências em suas obras. Dentro do que for possível para autores contemporâneos, suas obras serão analisadas em seu tempo lógico e seu tempo histórico. Acreditamos que as concepções de neutralidade dos dois autores são representativas de duas vertentes maiores na filosofia da ciência que se desenvolveram após os anos 1970. De um lado, Japiassu parece filiar-se a um grupo influenciado pelo pensamento pós-moderno e pelo construtivismo, que costuma aceitar um certo relativismo e atenuar a concepção de verdade, assim como negar a possibilidade de autonomia das ciências e também negar a tese do diferenciacionismo. Por outro lado, Lacey exemplifica a tentativa de elucidação do funcionamento da científica a partir do papel dos valores cognitivos e sociais em diferentes etapas do trabalho científico. Para comparar as posições dos dois autores utilizaremos as definições de neutralidade de Oliveira (2023) separadas em três eixos temáticos: o da neutralidade a partir da dicotomia fato/valor, com Hume [1739], Putnam (2024) e Mariconda (2006); neutralidade ética, e de aplicação, com Ellul; e neutralidade como objetividade, com Weber. Após a fundamentação mais geral, poderemos analisar a posição de Lacey e Japiassu. Esperamos, com isso, contribuir para a qualificação do debate sobre a neutralidade científica, assim como para o comentário às obras dos dois autores.

**Palavras-chave:** Neutralidade científica; Valores na ciência; Hugh Lacey; Hilton Japiassu; Filosofia da ciência.



**A MENTE DISCURSIVA:  
Análise da relação entre linguagem e consciência**

Thaís V. Rodrigues  
Mestranda  
USP  
thaisv.rodrigues@usp.br

**Resumo:** A linguagem permite ao sujeito capturar e comunicar, por exemplo, seus pensamentos e suas crenças, além possibilitar o acesso a sua própria vida mental e a do outro. Por conta disso, as abordagens no estudo da mente humana sofreram diversas modificações ao longo dos anos, sendo, contemporaneamente, analisadas através de um viés mais voltado à linguagem, transformando a maneira como entendemos a relação entre essas esferas. Com isso, questiona-se se existe um vínculo entre esses âmbitos. Se sim, de que maneira ele ocorre? Dessarte, almeja-se apresentar um panorama acerca da linguagem, evidenciando-a como um aspecto importante para a consciência, seja para sua atribuição ou de seus requisitos. Sobretudo, pretende-se abordar o tema da linguagem e suas relações com a consciência. Para tanto, mobilizam-se algumas das principais teorias filosóficas, psicológicas e linguísticas que versam sobre o tema - calçadas naquelas que apontam o uso discursivo da linguagem - atreladas a um esboço das propriedades da consciência que permitem aludir às propriedades observáveis da linguagem. Ou seja, basear a relação entre as áreas a partir dos aspectos introspectivamente observáveis da consciência com a evidência linguística das mesmas, o que permitirá estabelecer a mente humana como uma dimensão significativa do discurso ou essencialmente discursiva.

**Palavras-chave:** consciência; linguagem; discurso.

## AS CAUSAS NA FÍSICA CARTESIANA

Thiago A. Cirino

Mestrando

USP

thiagoastun@gmail.com

**Resumo:** Buscar as relações de causa e efeito na natureza é uma interessante e fecunda chave de estudo para se compreender e reconstruir a lógica de um período histórico e filosófico da ciência. Essa perspectiva, aliada à noção de “tema” do filósofo da ciência alemão Gerald Holton, pretende neste estudo mostrar traços do projeto mecanicista de René Descartes na construção de uma nova ciência do movimento. Sendo assim, caminharemos por proposições dos *Princípios de filosofia* (1644) apresentando as leis da física, as noções de matéria, de movimento e algumas regras sobre colisões de corpos, a fim de mostrar como o estudo do tema sobre a atuação da causalidade cartesiana na cristalização de noções da física, é importante para a compreensão da ruptura com os escolásticos sobre o movimento dos corpos. Portanto, pretende-se sob o olhar temático da causalidade, brevemente explicar a ideia de movimento no mundo e na natureza da filosofia natural cartesiana, compatível com a revolução astronômica iniciada na época de Descartes por Copérnico e Tycho Brahe.

**Palavras-chave:** Física, Descartes, Causalidade.

## A IDEIA DE “TIPO CELULAR”: INVESTIGAÇÕES SOBRE O QUE FOI, O QUE É E O QUE PODE SER

Tiago Lubiana

Doutor

IB - USP

tiagolubiana@gmail.com

**Resumo:** A ideia de “tipo celular” enfrenta desafios conceituais e teóricos, intensificados pelo avanço das ômicas de células únicas, como o single-cell RNA-seq. O Human Cell Atlas busca caracterizar a diversidade celular humana, mas esbarra em divergências quanto ao critério principal para definir tipos celulares. As premissas usadas para interpretar os resultados, contudo, não são claras e múltiplas linhas conceituais misturam-se. A perspectiva clássica, morfológica, coexiste com perspectivas data-driven de agrupamento de dados multiômicos, perspectivas de rastreamento de linhagens no desenvolvimento, perspectivas de “tipos celulares” como unidades evolutivas e outras mais. Não há sequer um catálogo das correntes teóricas e, apesar do progresso técnico, falta uma teorização robusta que fundamente a classificação das células em “tipos.” Atualmente, as estimativas de experimentalistas para o número de “tipos celulares” em humanos varia entre 400 e 80.000.000.000. Tal diferença de 9 ordens de magnitude deixa clara a necessidade dos avanços teórico-filosóficos. A filosofia, especialmente a ontologia aplicada, contribui ao comparar conceitos e fundamentar sistemas computacionais como a Cell Ontology (CL), essenciais para anotar dados experimentais. Dessa forma, investigações sobre o conceito de “tipo celular”, sua origem e como adequá-lo às novas evidências são necessárias para uma compreensão bem fundamentada de sistemas biológicos.

**Palavras-chave:** tipo celular; história da biologia; ontologia computacional.

**MODELOS DE LIGAÇÃO QUÍMICA PARA PENSAR FILOSOFIA:****Utilizando a química para adentrar a mereologia de Llored e Harré**

Vinicius T. Araujo

Mestrando

USP

vini\_t\_a@usp.br

**Resumo:** Dentro da filosofia da ciência, não é incomum acharmos trabalhos que partem de um problema filosófico e buscam na história da ciência pistas para responder tal problema. Contudo, e se partirmos da via contrária? - Partirmos da história da ciência e então irmos até a filosofia. Nesta apresentação de filosofia e história da química, analisaremos diferentes modelos de ligação química que surgiram no início do século XX, estes modelos tentavam representar as moléculas do mundo microscópico, tentando superar as teorias anteriores para abarcar novos fenômenos e respondem novos problemas que surgiram na mesma época. Veremos como esses modelos suscitam problemas de ordem mereológica, da relação das partes com o todo, e levaremos tais problemas para autores da filosofia da química como Harré e Llored.

**Palavras-chave:** filosofia da química; ligação química; mereologia.

**POLITIZANDO AS CIÊNCIAS HUMANAS:  
A mobilização da filosofia e da história para a defesa de projetos conservadores e  
reformistas em biologia evolutiva**

Vitor P. Roberto  
Mestrando  
UNIFESP  
paixao.vitor@unifesp.br

**Resumo:** A biologia evolutiva passa por um período de reorganização enquanto disciplina. Há questionamentos diretos e indiretos, e propostas de reformas são oferecidas, em relação à centralidade de um projeto de unificação da genética mendeliana com a evolução darwiniana baseado na seleção natural agindo na variação genética disponível como única fonte de mudança populacional. A defesa de projetos de reforma, ou mesmo de manutenção do *status quo* da Teoria Evolutiva Padrão, perpassou por uma apropriação e mobilização das humanidades e das ciências humanas como modo de semear interpretações históricas e filosóficas sobre o que deveria compor o corpo da biologia evolutiva como disciplina. Este trabalho pretende partir dos trabalhos de Ernst Mayr e de Kevin Lala para examinar como a história e a filosofia da biologia são transformadas em narrativas de consenso para justificar reformar ou não a Teoria Evolutiva Padrão, propondo, a partir desse exame, uma alternativa pluralista sustentada nos trabalhos de Arlin Stoltzfus e Sandra D. Mitchell, que mostram que a biologia evolutiva não precisa de uma teoria mestra, seja ela conservadora ou reformista, mas sim que ela se baseia em uma pluralidade de objetos, práticas e conceitos que só se integram localmente.

**Palavras-chave:** Ciências Humanas; Biologia Evolutiva; Pluralismo.